



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FSL0115 - PERSISTÊNCIA E MUDANÇA SOCIAL - RESENHA I

GABRIELA PRESTI MIGLIAVACCA - 9775213

A presente resenha tem como objetivo traçar uma relação entre a modernidade e o mercado artístico (a partir de definições apresentadas por David Harvey e Anne Cauquelin) com o conceito de dominação formulado por Max Weber.

"A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável". Essa definição de Baudelaire (1859) é frequentemente utilizada por autores quando se apresenta o conceito de modernidade. É uma definição que traz as tensões entre o efêmero e o fugidio e o eterno e imutável; entre a destruição e a criação. E é assim que David Harvey inicia o capítulo "Modernidade e Modernismo", em seu livro "Condição Pós-Moderna" (1935) e também é trazida por Anne Cauquelin em "Arte Contemporânea: uma introdução" (1992).

Para Harvey, a modernidade é a experiência contínua e intensa da mudança. É o paradoxo entre a promessa crescente de transformação e a possibilidade de perda de tudo o que se tem. No século XVIII a exploração da estética como "domínio cognitivo distinto" (Harvey, 1935) surge para atender a imensa variedade de artefatos culturais produzidos sob condições sociais diversas. Harvey traz novamente Baudelaire, que formula a estética modernista como dependente da maneira com que um artista se posiciona diante dos processos de fluxo e mudança, e efemeridade e fragmentação:

"O artista individual poderia contestá-los, aceitá-los, tentar dominá-los ou apenas circular entre eles, mas o artista nunca poderia ignorá-los. O efeito de qualquer dessas tomadas de posição era, na verdade, alterar o modo como produtores culturais pensavam o fluxo e a mudança, bem como os termos políticos mediante os quais representavam o eterno e o imutável." (pp 29)

Para Baudelaire, o artista seria alguém com a habilidade de compreender as qualidades fugidias da vida da cidade e, ainda assim, extrair de momentos fugazes sugestões de eternidade.

O conceito de modernidade e a prática estética fundem-se na chamada arte moderna, que é caracterizada pelo período industrial - seu desenvolvimento e o nascimento da sociedade de consumo. Surge, então, uma nova relação comercial associada à arte moderna: a produção em massa gera o consumo em massa.

Cauquelin (1992) traça o progresso do status da obra de arte em direção ao de "produto" e a transformação do produto industrial em produto estético, conformando uma onipresença do consumo. O esquema linear produção-distribuição-consumo também se encaixa no mercado de arte. Os produtores são os artistas, a distribuição fica a cargo dos "marchands" (negociadores de obras de arte) e dos críticos, e os consumidores são a população em geral.

Para entender a mudança que o mercado da arte sofre a partir do final do século XIX, Anne Cauquelin se aprofunda nos atores do esquema produção-distribuição-consumo. A autora dá um especial destaque ao poder da crítica de arte, que é "dominante sobre todos os outros planos e substitui progressivamente o poder do reconhecimento oficial" (Cauquelin, 1992, pp. 41). A etapa intermediária da distribuição é responsável pela incitação ao consumo. Ela institui as regras, fornece critérios, nomeia os movimentos artísticos e portanto, possui o poder do reconhecimento e da remuneração.

Harvey também apresenta os efeitos que esse mercado da arte exerce nos produtores culturais:

"A 'mercadificação' e comercialização de um mercado de produtos culturais durante o século XIX forçaram os produtores culturais a seguir uma forma de competição de mercado que viria a reforçar processos de destruição criativa no interior do próprio campo estético (...) Todos os artistas procuravam mudar as bases do juízo estético, ao menos para vender seu próprio produto."

(Harvey, pp 31)

Segundo Max Weber, a modernidade é a articulação do desencantamento do mundo com a degradação da religião e a autonomização de esferas da vida social. A

ação social é o objeto da sociologia (que é uma ciência compreensiva, ou seja, que visa a identificação das motivações e sentidos do comportamento humano). O indivíduo, para o autor, é o único portador de significados sociais.

Em 1922 é publicada "Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva", livro póstumo de Max Weber que traz conceitos como economia, direito, dominação e religião para dentro de um espectro sociológico. No capítulo IX de tal livro, Weber apresenta uma discussão sobre o conceito de dominação, por ser um importante elemento da ação social e da formação social-econômica do capitalismo. Para o autor, a dominação é "a possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria" (Weber, 1922).

Weber discorre sobre dois tipos de dominação: em virtude de uma constelação de interesses e em virtude de autoridade. Para a presente análise, o primeiro tipo interessa mais, pois o autor define como seu tipo mais puro a dominação monopolizadora do mercado, que, a partir de uma habilidade disponível no mercado, influencia uma ação que é vista como "livre" e aparentemente voltada para interesses próprios dos dominados.

"O modo como os meios econômicos são empregados para conservar a dominação influencia, decisivamente, o caráter da estrutura de dominação. Além disso, a grande maioria das comunidades econômicas, entre elas precisamente as mais importantes e modernas, apresenta uma estrutura que implica dominação. E, por fim, a estrutura da dominação, por menos que sua natureza peculiar esteja univocamente ligada a determinadas formas econômicas, é quase sempre um fator relevante, em alto grau, para a economia, além de estar de alguma forma condicionada também por esta." (Weber, 1922, pp.188)

Os detentores do monopólio podem prescrever os preços aos adversários, obrigando-os a um comportamento que lhe convém - apesar de não impor que se sujeitem a essa dominação (Weber, 1922).

As posições dos produtores culturais são dependentes daquilo que uma sociedade atribui como valor à sua produção, da maneira pela qual essa sociedade pretende utilizá-la e do lugar que seu sistema hierarquizado de distribuição de bens estabelece para a arte (Cauquelin, 1992).

"A luta para reproduzir uma obra de arte, uma criação definitiva capaz de encontrar um lugar ímpar no mercado, tinha de ser um esforço individual forjado em circunstâncias competitivas. Portanto, (...) o artista tinha de assumir uma aura de criatividade, de dedicação da arte pela arte, para produzir um objeto cultural original, sem par e, portanto extremamente 'mercadejável' a preço de monopólio" (Harvey, pp 31)

Se a criação de uma obra for observada como uma ação individual (que, para Weber é uma ação social direcionada para outras ações e carregada de sentido), a conformação a uma estética por necessidades mercadológicas pode ser vista como um efeito de uma dominação monopolizadora e que explica sentidos dessa ação. A dominação monopolizadora representada sobretudo pela figura dos intermediários (críticos e marchands) acaba por reforçar a perspectiva altamente individualista e solitária da vida moderna.

O artista se submete a flutuações de mercado e se coloca na dependência de marchands e críticos (Cauquelin, 1992). E, a partir do momento que o sistema de consumo promove uma marca (uma estética) pela simples razão de que um produto único atrai menos consumidores que um conjunto de produtos, o artista se encontra numa posição de marginalização.

O modernismo, então, acabou por internalizar "seu próprio turbilhão de ambiguidades, de contradições e de mudanças estéticas pulsantes" (Harvey, 1935). Por um lado, há uma arte que busca tornar eterno o que é efêmero, mas cujos artistas encontram seu comportamento subordinados a uma estrutura de mercado, uma estrutura econômica e monopolizadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. 1993, capítulo II

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 9-53

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. pp 187-196